

DOSSIÊ

ACESSIBILIDADE AUDIOVISUAL:
PRÁTICAS DE TRADUÇÃO E LINGUAGEM – PARTE 2

**Karina de Souza Borges
Lima**

PGET-UFSC
Maracanaú, Ceará, Brasil

**Márcia Monteiro
Carvalho**

UFPA; PGET-UFSC
Abaetetuba, Pará, Brasil

ENTREVISTA DE CHRISTOPHER STONE CONCEDIDA À COLEÇÃO PALAVRA DE TRADUTOR – RESENHA ENTREVISTA DE CHRISTOPHER STONE CONCEDIDA A LA COLECCIÓN PALABRA DE TRADUCTOR - RESEÑA

RESUMO

A presente resenha registra os aspectos principais da entrevista concedida por Christopher Stone, professor, pesquisador e renomado tradutor e intérprete de língua de sinais, sobretudo na esfera midiática. A entrevista percorre questões importantes na trajetória do entrevistado, desde sua formação, interesses de pesquisa, contribuições que realizou através de sua atuação e pesquisa para a comunidade surda bem como o conceito de Norma Surda engendrado em seu doutoramento. A leitura traz reflexões importantes para os profissionais tradutores e intérpretes traçando um novo panorama das relações que se estabelecem atualmente na área.

Palavras-chave: Christopher Stone; Tradução midiática; Norma Surda.

RESUMEN

Esta revisión registra los principales aspectos de la entrevista realizada por Christopher Stone, profesor, investigador y reconocido traductor e intérprete de lenguaje de señas, especialmente en el ámbito mediático. La entrevista recorre temas importantes en la trayectoria del entrevistado, desde su formación, intereses de investigación, aportes que hizo a través de su desempeño e investigación a la comunidad sorda, así como el concepto de Norma Sorda engendrado en su doctorado. La lectura aporta importantes reflexiones a los traductores e intérpretes profesionales sobre un nuevo panorama de las relaciones que se establecen actualmente en el área.

Palabras clave: Christopher Stone; Traducción mediática; Norma Sorda.

Recebido: 27/09/2021 / Aprovado: 28/11/2021

Como citar: LIMA, Karina de Souza Borges; CARVALHO, Márcia Monteiro. Entrevista de Christopher Stone Concedida à Coleção Palavra de Tradutor – Resenha. Revista GEMInIS, v. 13, n. 1, pp. 144-150, jan./abr. 2022

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

STONE, Christopher. **Christopher Stone: Entrevista**. [Entrevista concedida à Coleção Palavra de Tradutor]. (Org.) RODRIGUES, Carlos Henrique; SUTTON-SPENCE, Rachel Louise. Tradução do inglês-português de Vitória Tassara e Hanna Beer; tradução português-Libras de João Gabriel Ferreira e Victória Pedroni. Curitiba, PR: Medusa, 2020.

A emergência do campo disciplinar dos Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais tem trazido para a área acadêmica discussões que afetam diretamente a prática profissional. Na centralidade dessas questões estão, entre outras, a estrutura de formação atual na área, a tradução midiática em língua de sinais e a Norma Surda de Tradução.

A presente obra é um dos volumes da Coleção Palavra de Tradutor, focada em reunir entrevistas dadas por tradutores brasileiros e estrangeiros. O objetivo principal da coleção, segundo os organizadores, é apresentar um panorama da tradução em suas diversas facetas, propiciando, através dos depoimentos dos tradutores, discussões teóricas e práticas acerca do trabalho do tradutor. A coleção é coordenada por um grupo de professores de cursos de Pós-Graduação em Estudos da Tradução que trabalham com tradução literária, organizada pelos professores do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, sendo financiada com recursos do próprio programa. Os volumes estão disponíveis gratuitamente *on-line* como também foram publicados em tiragem reduzida pela Editora Medusa.

Esta resenha corresponde ao volume que registra uma entrevista com o tradutor/intérprete Christopher Stone. Stone é Professor Associado da área de Interpretação e Tradução na Universidade de Wolverhampton, Reino Unido. Possui vasta experiência como tradutor e intérprete em várias esferas, inclusive a midiática, atuando na emissora BBC, por exemplo. Também é professor e pesquisador. No doutorado na Universidade de Bristol, engendrou o conceito de Norma Surda de Tradução. As áreas de sua especialização são: intérpretes e tradutores surdos, interpretação e tradução na mídia e na televisão aberta, pragmática e etnografia (STONE, 2020, p.138-144).

A obra foi organizada, além da apresentação e da biografia detalhada do entrevistado, em quatro capítulos, sendo eles: *Primeiros diálogos: a aproximação às línguas de sinais e às comunidades surdas*; *Ponto central: a profissão de tradutor e intérprete de língua de sinais*; *Contribuição de destaque: a proposição das normas surdas de tradução*; e *Encerramento: perspectivas futuras*. A entrevista foi realizada pela professora Rachel Sutton-Spence, atuante na PGET - UFSC e no curso de Graduação em Letras Libras na mesma instituição. Um aspecto diferenciador da obra é o fato de ser trilíngue. A publicação escrita traz o texto em português e em inglês e, além disso, há opção de acessar o videotexto em libras traduzido por profissionais tradutores surdos.

A publicação, mais do que o registro de uma entrevista, busca apontar a implicação da subjetividade do tradutor e/ou intérprete e de seu envolvimento com a comunidade surda em sua formação e construção de relacionamentos profissionais. Esta discussão tem início no primeiro capítulo, no qual Stone responde a perguntas sobre o que o fez ser tradutor e intérprete de língua de sinais, como foi sua formação e o que o impulsiona no campo profissional. O autor versa sobre seu percurso formativo como profissional tradutor e intérprete, pontuando o papel decisivo que o aprendizado, a exposição a várias línguas de sinais e o envolvimento com a comunidade surda ao partilhar experiências teve em sua trajetória.

O segundo capítulo, mais longo e denso, explora dez perguntas que caracterizam a atuação, a trajetória de Stone e versam sobre seu entendimento acerca da diferença entre a atividade de tradução e interpretação. Trazendo à tona a importância do aspecto emocional e do desafio intelectual como motivadores para a decisão de tornar-se tradutor e intérprete de línguas de sinais, Stone (2020, p. 68) cita o quanto é desafiador e mentalmente estimulante “tentar trabalhar em algo que alguém está dizendo e, então, oferecê-lo em outra língua” e, inclusive, o quanto o sentimento de contribuir com o mundo era proporcionado pela profissão. O autor discute também o papel concomitante da formação não apenas no sentido formal, mas em um sentido abrangente, quando o tradutor e/ou intérprete assume a importância de estar em contato com os surdos em contextos diversos que não os de ensino de línguas. Esse tipo de exposição o auxiliou a pensar na língua de sinais *per se* e a se afastar do *code switching*¹. Ademais, frisa a necessidade de pensar em questões identitárias e políticas que estão presentes ao traduzir para uma comunidade minoritária, fazendo dos tradutores e/ou intérpretes de línguas de sinais, aliados da comunidade surda:

Se você diz que é um aliado, precisa ser um ser humano. E isso significa que, se você sabe que a pessoa na sua frente realmente não entende algo, você tem o dever de dizer que acha que sua interpretação foi clara, mas pelo visto, a pessoa não entendeu o que está sendo dito. (STONE, 2020, p. 92).

É marcante sua argumentação a favor da tradução realizada por profissionais surdos. Pontua que no Reino Unido, por exemplo, é comum não só que muitas traduções midiáticas sejam realizadas por tradutores surdos como também que as equipes de tradução tenham profissionais surdos. Geralmente, os conteúdos que podem ser roteirizados através de *autocue*² são traduzidos por surdos.

¹ Trata-se de uma alternância de códigos por parte de um indivíduo bilíngue. É “um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua conforme os elementos particulares a cada situação interativa” (MOZILLO, 2009, p. 186).

² Teleprompter. Equipamento acoplado às câmeras que apresenta o texto a ser lido pelo apresentador ou traduzido pelo intérprete. É uma forma eficiente de apresentar os textos em segmentos longos e contínuos.

Com o material sendo acessado antes, é possível realizar as traduções, gravadas previamente ou ao vivo – o que chama de tradução consecutiva apresentada. O autor aponta para essa terminologia porque ainda que haja acesso ao material antes, devido ao tempo e a economia envolvidos, muitas traduções não podem ser revisadas ou reeditadas. Assim, os tradutores preparam seu conteúdo com precedência, porém, muitas vezes tem apenas uma chance de gravar a sinalização. Quando o conteúdo não é recebido com antecedência, Stone sugere a importância de buscar em fontes *on-line* de notícias informações que provavelmente serão tratadas no noticiário e que serão traduzidas por ele e sua equipe.

Para que equipes de tradução com profissionais surdos sejam uma realidade em outros âmbitos, não somente na esfera midiática, o autor defende a necessidade de formação de tradutores surdos. A formação pode possibilitar que estes atuem em áreas de tradução específicas levando em consideração sua vivência surda. Além disso, é imprescindível que os tradutores e/ou intérpretes ouvintes aceitem e entendam o protagonismo dos tradutores surdos em demandas que são talhadas para sua *expertise*.

O terceiro capítulo adentra ainda mais em questões relacionadas à tradução realizada por profissionais surdos. Stone percebeu que a comunidade surda conseguia apontar quem eram os tradutores surdos na TV e quais eram os ouvintes. Essa diferença de performance e de escolhas tradutórias – a chamada Norma Surda — detinha uma questão histórica e etnográfica que imbuía a atuação dos tradutores surdos. Para aprofundar esse conceito, Stone se apoiou na Teoria Geral da Tradução, na etnografia linguística de Paddy Ladd, nas pesquisas de Mona Baker envolvendo a multimodalidade, nas normas de Gideon Toury, nos Protocolos Verbais, na Teoria da Relevância e nos estudos pragmáticos de Rosales Sequeiros.

O entrevistado observa ainda que as pesquisas acerca de línguas que não tem registro escrito são bastante escassas nos Estudos da Tradução. Porém, são os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais que tem mobilizado a evolução de novas práticas na área, como por exemplo, o uso da multimodalidade. O progresso nesses estudos, o olhar de Stone sob o trabalho especializado de tradutores surdos, suas performances e escolhas lexicais, permitiu que houvesse reconhecimento e credenciamento de tradutores e/ou intérpretes surdos em equipes de tradução no Reino Unido, bem como da ampliação da categoria na TV Belga. O entrevistado conclui sua satisfação em ter identificado esse fenômeno específico com as seguintes palavras: “Há uma sabedoria Surda. Às vezes essa sabedoria é transmitida e, como acadêmico, é bom ter uma base para detectar a sabedoria Surda e compartilhá-la com os outros” (STONE, 2020, p.118).

No capítulo de encerramento, Stone discorre sobre os desenvolvimentos futuros para a área de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Elucida a importância de que a formação abarque mais amplamente o entendimento da linguagem como fenômeno biológico, social e psicologicamente influenciado. Assinala a tecnologia como elemento importante a ser incorporado na formação, uma vez que existem novas demandas para intérpretes que envolvem seu uso. Stone convida os tradutores e/ou intérpretes a refletirem sobre suas escolhas de tradução, a pensar no contexto tradutório e no cliente surdo – priorizando seu entendimento e estando abertos para adaptações.

Não se atendo apenas às questões técnicas, Stone (2020, p. 128) frisa o aspecto humano e o olhar aguçado que os profissionais precisam ter para as relações de poder: “Apesar das diferentes experiências de vida, você está acostumado a pensar no Surdo como seu igual?”. Finaliza explicando que a comunidade surda está alcançando novos espaços, impondo desafios para os tradutores e/ou intérpretes. Porém, sempre tendo em mente o cerne da profissão: “[...] é sobre decidir ter o privilégio de testemunhar a vida das pessoas. E estar lá nesses momentos tão importantes” (STONE, 2020, p.130).

De um modo geral a obra discute as principais questões que permeiam a vida dos tradutores e/ou intérpretes de língua de sinais. Embora o entrevistado não atue no contexto brasileiro e aponte questões que ainda não formam parte de nossa realidade, discutir os caminhos que a formação está tomando em outros países nos ajuda a repensar a formação oferecida atualmente no contexto em que estamos inseridos e a prever desdobramentos futuros na área. É muito interessante ver como está se formando uma categoria, aos poucos reconhecida e coesa, de tradutores surdos — algo que ainda está em desenvolvimento no Brasil.

As questões que Stone traz em relação ao que é imprescindível na formação também ajudam a repensar como estão organizados os currículos dos cursos de formação de tradutores e intérpretes. Ampliar o olhar sobre o que importa na atuação, assim como pensar em uma formação que abarque profissionais surdos, algo que já ocorre nos Estados Unidos e na Europa, é um passo fundamental e seminal para o desenvolvimento da área de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais no Brasil (FERREIRA, 2019).

É indubitável que por uma questão de políticas linguísticas governamentais, pela trajetória nacional dos profissionais tradutores e/ou intérpretes, bem como da comunidade surda, ainda há muito espaço para ser conquistado pelos tradutores e/ou intérpretes de língua de sinais ouvintes e surdos nas mídias, nas universidades e na própria legislação. Ainda assim, nas últimas décadas, como resultado de fatores históricos, sociais e políticos, tem se construído um “novo processo educacional de surdos, permitindo que eles avancem em relação ao reconhecimento e à concretização de seus direitos

linguísticos” (RODRIGUES; FERREIRA, 2020, p. 111). Porém, até o presente, há pouco registro das atuações de tradutores e intérpretes surdos, e de sua inserção em equipes mistas de trabalho (ALVES, 2019, p. 17). As pesquisas existentes apontam a frequência das atuações de surdos como tradutores em contextos de traduções literárias, educacionais e musicais e, como intérpretes, principalmente em conferências internacionais em que outras línguas de sinais são usadas (BRUNKMANN, 2020, p. 36-42). Diante desse panorama nacional, obras como essa dão embasamento para construir novas realidades e para repensar, mesmo que no âmbito particular, a prática profissional.

Trata-se de um volume muito interessante e esclarecedor que amplifica o entendimento sobre questões profissionais e sobre as necessidades da comunidade em que e para a qual os tradutores e ou intérpretes se propõem atuar. Ademais, versa sobre competências importantes que tradutores e/ou intérpretes de línguas de sinais precisam desenvolver e, mais especificamente, sobre esse processo no âmbito midiático. A disposição do texto em forma de entrevista brinda leitores profissionais da área com a oportunidade de apreender experiências diversas da atuação de Stone, mas, sobretudo, em muitos momentos, de identificar-se com seus desafios e percepções enquanto tradutor e intérprete. As perguntas, claras e assertivas, cerceiam um caminho progressivo e constroem a narrativa de uma forma leve, mas não superficial.

Finalmente, a leitura dessa obra contribui muito para a apropriação de conhecimentos específicos, dando indicações nas falas do entrevistado, de teorias e autores relevantes para repensar o caminho da prática tradutória. A coleção *Palavra de Tradutor*, da qual esse volume faz parte, é muito interessante tanto para os profissionais tradutores e/ou intérpretes como também para a comunidade surda, uma vez que compartilha histórias, reflexões e experiências, aclarando as necessidades prementes das partes integrantes do processo tradutório, traçando um novo panorama das relações que se estabelecem atualmente na área.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tom Min. **Tradução para Libras: participação de surdos e ouvintes em equipes mistas de tradução**. 2019. 93 f. TCC (Graduação em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

BRUNKMANN, Maria Cristina de Almeida. **Tradução e interpretação de autoria surda: Mapeamento no contexto Brasileiro**. 2020. 64 f. TCC (Graduação em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FERREIRA, J. G. D. **Os intérpretes Surdos e o processo interpretativo interlíngua intramodal gestual-visual da ASL para Libras**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)

– Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MOZZILLO, I. O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **Papia**: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, São Paulo, v. 19, p. 185-200, 2009.

RODRIGUES, Carlos Henrique; FERREIRA, João Gabriel Duarte. Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes Surdos: prática profissional e competência. **Revista Espaço**, n. 51, p.109-125, jan-jun, 2019.

STONE, Christopher. **Christopher Stone: Entrevista**. [Entrevista concedida à Coleção Palavra de Tradutor]. (Org.) RODRIGUES, Carlos Henrique; SUTTON-SPENCE, Rachel Louise. Tradução do inglês-português de Vitória Tassara e Hanna Beer; tradução português-libras de João Gabriel Ferreira e Victória Pedroni. Curitiba, PR: Medusa, 2020.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: não se aplica.

Fontes de financiamento: não se aplica.

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Karina de Souza Borges Lima

Mestranda em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). Especialista em Libras (UCAM). Graduada em Letras/Libras (UFSC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3020-0081>

E-mail: karinaborgestutoria@hotmail.com

Márcia Monteiro Carvalho

Professora Adjunta da UFPA/Abaetetuba Pará/Brasil. Doutora em Estudos da Tradução (UFSC). Professora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução-PGET/UFSC. Intérprete de Libras-ASTILP.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6278-2667>

E-mail: mmcarvalho@ufpa.br